

POR UMA AMÉRICA LATINA RESSIGNIFICADA: o romance histórico em suas fases críticas – caminhos à descolonização

FOR A RE-MEANED LATIN AMERICA: The historical novel in its critical fases – paths to decolonization

Gilmei Francisco Fleck (UNIOESTE/Cascavel-PR/Brasil)¹
Carlos Henrique Lopes de Almeida (UNILA/Foz do Iguaçu-PR/Brasil)²

Resumo: Neste texto, buscamos refletir sobre a importância da escrita híbrida de história e ficção no espaço latino-americano como via à descolonização. Conscientes de que grande parte do passado da América Latina foi registrado unicamente pelo discurso do colonizador, vemos, nas modalidades críticas do romance histórico, os mais intensos enfrentamentos do discurso historiográfico tradicional com as ressignificações que a arte literária propõe com relação ao passado da América Latina. A impugnação da versão unívoca e hegemônica do passado desestabiliza-se frente ao emprego que fazem os romancistas de recursos escriturais desconstrucionistas como a paródia, a carnavalização, o grotesco, a polifonia, a heteroglossia, empregados, segundo expressam Aínsa (1991), Hutcheon (1991), Menton (1993), Fleck (2017), entre outros, nas modalidades mais críticas do romance histórico. Por meio de um sintético painel de obras das modalidades críticas do gênero, buscamos revelar a potencialidade ressignificativa das escritas híbridas. Desse modo, defendemos a ideia de que a leitura e a escrita de romances críticos sobre o passado da América Latina constituem-se em uma das mais significativas vias para a ainda necessária descolonização das sociedades pós-coloniais na América Latina.

Palavras-chave: Novo romance histórico latino-americano; Metaficção historiográfica; Resignificações do passado; Literatura latino-americana; Literatura Comparada.

Abstract: In this text, we seek to reflect on the importance of the hybrid writing of History and fiction in the Latin American scenario as a way to decolonization.

¹ Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste-Cascavel/PR-Brasil, atuante nas disciplinas de Literaturas e Cultura hispânicas, Literatura Comparada e Tradução e Literatura Infantil e Juvenil. Pós-doutor em Literatura Comparada e tradução pela UVigo-Vigo/Espanha. Líder do Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: chicofleck@yahoo.com.br

² Professor de Língua espanhola e respectivas literaturas da Universidade da Integração Latino-americana/UNILA - Foz do Iguaçu-PR/Brasil. Pós-doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Unioeste-Cascavel/PR-Brasil. Integrante do Grupo de pesquisa “Ressignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”. E-mail: carloshlaliteratura@gmail.com

Being aware that much of the past of Latin America was registered only by the colonizer's discourse, we can affirm that the critical modalities of the historical novel stand for the most intense confrontations of the traditional historiographic discourse and the re-meanings that literary art proposes concerning the past of Latin America. The contestation over the univocal and hegemonic version of the past is destabilized in the face of the use made by novelists of deconstructionist scriptural techniques such as parody, carnivalization, grotesque, polyphony, and heteroglossia, which, as expressed by Aínsa (1991), Hutcheon (1991), Menton (1993), Fleck (2017), among others, are present in the most critical modalities of the historical novel. Through a synthetic exposition about the critical modalities of the historical novel, we seek to reveal the re-meaning potentiality of critical hybrid works. In this way, we defend the idea that the reading and writing of critical novels about the past of Latin America constitute one of the most significant ways for the still necessary decolonization of post-colonial societies in Latin America.

Keywords: New Latin American historical novel; Historiographic metafiction; Re-meanings of the past; Latin American Literature; Compared Literature.

Introdução

No espaço sócio-histórico e cultural latino-americano, a prática de Literatura Comparada, desde suas primeiras manifestações, necessitou adequar-se às condições de uma produção com características distintas das europeias, de longa tradição, nas quais se revelavam traços de fontes, influências e filiações entre a produção daqueles escritores já consagrados no cenário literário.

Na América Latina, conscientes da realidade híbrida e mestiça que nos originou, os artistas vão incorporando muitos desses traços diferenciadores de nossa Literatura em suas obras e, assim, surgem as contribuições teóricas às novas direções das práticas comparatistas entre seus adeptos. Na prática de escrita latino-americana, a estratégia da antropofagia revitaliza e potencializa uma produção diferenciada que não busca negar a influência sofrida ao longo dos anos de imposição, submissão e cópia dos modelos europeus, mas, ao contrário, nesse processo, o sujeito latino-americano, dá-se conta de que

[...] es sobre la base de ese mestizaje fecundo y poderoso donde puede afirmarse la personalidad de la América Hispánica, su originalidad y su tarea creadora [...] Su vocación y su oportunidad es la de realizar la nueva etapa de mestizaje cultural que va a ser la de su hora en la historia de la cultura. Todo lo que se aparte de eso será desviar a la América Latina de su vía natural y negarle su destino manifiesto³ (USLAR PIETRI, 1985, p. 356-7).

Mestiçagem e hibridação, entre outros conceitos operacionais gerados em nossas culturas plurais, passam, assim, a substituir, nas práticas de escrita latino-americanas, os preceitos europeus anteriores de unidade e pureza, tão cuidadosamente introduzidos em nossas artes. Dessa forma, tais conceitos orientam, também, as análises de Literatura Comparada no nosso âmbito de pesquisa acadêmica.

Quando se trata da prosa literária latino-americana, cabe lembrar que *El Periquillo Sarniento*, de Fernández de Lizardi, publicado em meio às guerras de independência do México, no ano de 1816, é apontado por vários estudiosos como a obra que introduz o gênero romanesco na América Latina. Entretanto, tal relato, escrita na época do romantismo – século XIX – é uma atividade produzida aproximadamente uma década depois de a Literatura Comparada instituir-se como disciplina na França, em 1828. Nesse contexto, é bom destacar, ainda, que as primeiras nações independentes na América Latina, à época mencionada, apenas estavam consolidando-se e o período do romantismo foi, para nós, o momento de se construir a ideia e o sentimento de uma identidade nacional.

Para os europeus, nessa época romântica, a literatura nacional devia incorporar as características específicas de uma nação. Enquanto isso, na América Latina, as literaturas nacionais emergentes tinham uma função diferenciada na realidade sócio-histórica em que se encontravam as primeiras

³ Nossa tradução: É sobre a base dessa mestiçagem fecunda e poderosa que se pode afirmar a personalidade da América Hispânica, sua originalidade e sua tarefa criadora [...]. Sua vocação e sua oportunidade é a de realizar a nova etapa de mestiçagem cultural, que virá a ser a sua hora na história da cultura. Tudo aquilo que a distancie disso será desviar a América Latina de sua via natural e lhe negar seu destino manifesto.

nações livres do território, antes dominadas pelas potências europeias, no princípio do movimento romântico dos começos do século XIX.

Na nascente Literatura Latino-americana cabia a construção de uma identidade própria que, naquele momento, não sabia muito bem como lidar com o fato de que as bases histórico-culturais dos povos latino-americanos têm, ao menos, três raízes fundamentais: a autóctone, a europeia e a africana. Essas, juntas, conduziram ao que hoje ainda não se compreende em sua totalidade: a latino-americanidade de cada uma das nações independentes na América, antes colonizadas por portugueses, franceses e espanhóis. Nesse sentido, Zulma Palermo (2011, p. 127), ao comentar a formação das identidades nacionais latino-americanas, destaca:

En esa construcción la literatura juega un papel fundamental, desde el momento en que da forma a imaginarios que convalidan y consolidan los proyectos que sostienen tales formaciones. Así, las 'literaturas nacionales' han diseñado modelos de identificación [...] inseparables de los proyectos políticos con los que acuerdan, dando forma a un cierto tipo de 'soberanía' sostenida en el poder absoluto sobre uno/s territorio/s a través de las lenguas nacionales, lenguas 'maternas' (aunque éstas no sean efectivamente tales), lenguas oficiales. [...] Las escrituras producidas fuera de ese cuerpo así regionalizado, no encontraron reconocimiento.⁴

Diante do modelo comparatista europeu, que tomava como ponto de partida a análise de uma obra canônica de seu contexto para examinar fontes, filiações e influências, a produção latino-americana jamais alcançaria qualquer valorização positiva e as obras “fora desse corpo assim regionalizado” não encontrariam respaldo em nenhuma nação. Tal fato segue vigente em grande parte da América Latina nos dias de hoje. Conforme expressa o romancista e crítico literário brasileiro Silviano Santiago (2000, p. 20-21),

⁴ Nossa tradução: Nessa construção, a Literatura exerce um papel fundamental, desde o momento em que dá forma a imaginários que convalidam e consolidam os projetos que sustentam tais formações. Assim, as 'Literaturas nacionais' desenharam modelos de identificação [...] inseparáveis dos projetos políticos com os quais estão de acordo, dando forma a certo tipo de 'soberania' sustentada no poder absoluto sobre um/s território/s por meio das línguas nacionais, línguas 'maternas' (embora elas não sejam de fato tais), línguas oficiais. [...] As escritas produzidas fora desse corpo assim regionalizado, não encontraram reconhecimento.

[...] tal discurso reduz a criação dos artistas latino-americanos à condição de obra-parasita, uma obra que se nutre de uma outra sem nunca a lhe acrescentar algo de próprio; uma obra cuja vida é limitada e precária, aprisionada, que se encontra pelo brilho e pelo prestígio da fonte, do chefe-de-escola [...]. A fonte torna-se a estrela inatingível. O discurso crítico que fala das influências estabelece a estrela como único valor que conta. Declarar a falência de tal método implica a necessidade de substituí-lo por outro [...], o qual por sua vez esquecerá e negligenciará a caça às fontes e às influências e estabelecerá como único valor e critério a diferença. (SANTIAGO, 2000, p. 20-21).

Sob essa nova perspectiva de valorização da “diferença”, a prática comparatista literária ganha sua essência no espaço latino-americano. O comparatismo tradicional, que põe demasiada ênfase na busca pelas fontes, influências e filiações entre obras e autores, segue existindo como prática na atualidade, embora essa corrente tradicional já seja objeto de muitas críticas. Segundo explica Jean Bessière (2011, p. 17), ao estabelecer os vínculos entre Literatura Comparada e identidades culturais: “*sostener la tradición de la disciplina contradice hoy el estado cultural del mundo: hoy las culturas se encuentran en juegos mutuos de vecindad y de circulación y el sentido de lugar se ha debilitado.*”⁵ O pesquisador francês comenta ainda:

[...] *caractericemos nuestra época como la de la unipolaridad y de la desigualdad. Estas características son un hecho. Estos hechos muestran que es urgente invertir los principios que fundaron la Literatura Comparada. De lo contrario, la disciplina entrará en un pálido mimetismo con nuestra época.*⁶ (2011, p. 21).

⁵ Nossa tradução: [...] sustentar a tradição da disciplina contradiz hoje o estado cultural do mundo: hoje as culturas encontram-se em jogos mútuos de vizinhança e de circulação e o sentido de lugar debilitou-se.

⁶ Nossa tradução: [...] caracterizemos nossa época como a da unipolaridade e da desigualdade. Estas características são um fato. Tais fatos mostram que é urgente inverter os princípios que fundaram a Literatura Comparada. Do contrário, a disciplina entrará em um pálido mimetismo com nossa época.

Por outro lado, frente a essa realidade incontestável, os estudos realizados em Literatura Comparada nos países latino-americanos, desde a década de 1980, mostram “um crescimento jamais imaginado, alargando sua abrangência a patamares pouco alcançados anteriormente.” (PINHEIRO; NETO, 2012, p. 09). De acordo com o que expressa a pesquisadora brasileira Zilá Bernd (1998, p. 27):

[...] a uma era de oposições binárias, de essencialismos e de culto à pureza, que parece haver caracterizado a modernidade, estaria se seguindo outra marcada por heterogeneidades, polifonias, cruzamentos onde a recuperação identitária estaria mais atenta à recuperação de traços, vestígios, fragmentos e de vozes até então inaudíveis, do que o registro das vozes legitimadas e oficiais.

Ao partir disso, o comparatista brasileiro Eduardo Coutinho (1995, p. 625-626) propõe uma nova forma de conceber e de atuar nos estudos de Literatura Comparada na América Latina, no sentido de que, na contemporaneidade, podemos considerar que

[...] o texto segundo no processo da comparação não é mais apenas o ‘devedor’, mas também o responsável pela revitalização do primeiro, e a relação entre ambos, em vez de unidirecional, adquire sentido de reciprocidade, tornando-se, em consequência, mais rica e dinâmica. O que passa a prevalecer na leitura comparatista não é mais a relação de semelhança ou continuidade, sempre desvantajosa para o texto segundo, mas o elemento de diferenciação que este último introduz no diálogo intertextual estabelecido com o primeiro.

De acordo com Coutinho (1995), o exercício da Literatura Comparada tradicional serve unicamente para evidenciar a dependência e se constitui em um estado de colonização das literaturas produzidas na América Latina. Ao se referir ao passado no qual as Literaturas latino-americanas estiveram sob as imposições das metrópoles, Jean Bessière (2011, p. 23) menciona:

[...] *más allá de ese confinamiento a un modo de repetición del modelo europeo, y en la inevitable constatación de la*

*resistencia, estas literaturas son las literaturas de una historia diferente. [...] La situación de esas literaturas [...] debe considerarse ejemplar, y permite precisar la relación de las literaturas con la globalización.*⁷

Para o professor Antonio Candido, que criou a primeira cátedra de Literatura Comparada no Brasil, somente se pode compreender o literário como resultado de uma relação dialética entre fatores internos, estruturadores da obra, e fatores externos, sociais e históricos, como defende em sua obra *Literatura e Sociedade* (1965). Sua formulação dialética, segundo a qual a prática de análise de um texto deve ser sempre um movimento dialético entre o local e o cosmopolita, e sua concepção de Literatura como sistema que se relaciona intimamente com a sociedade, não o deixam cair em um nacionalismo ingênuo; o que lhe permite não ignorar os problemas de influência, imitação e cópia da Literatura de um país política, econômica e culturalmente dependente de outros.

Na produção literária latino-americana, seja ela em língua francesa, espanhola ou portuguesa, o elemento híbrido – originário da transculturalidade, como base da interação das características culturais das diferentes etnias que fundaram as sociedades latino-americanas – reina na arte e gera a “diferencia” em relação aos modelos europeus.

Dessa maneira, os conceitos de mestiçagem, hibridação, transculturação, resignificação, entre outros, orientam, também, as análises de Literatura Comparada no âmbito de nossas pesquisas no cenário de atuação dos estudiosos que integram a equipe que compõe o “Resignificações do passado na América: processos de leitura, escrita e tradução de gêneros híbridos de história e ficção – vias para a descolonização”, grupo reconhecido de pesquisa ao qual todos os autores desse dossiê pertencem.

⁷ Nossa tradução: Para além desse confinamento a um modo de repetição do modelo europeu, e na inevitável constatação da resistência, essas Literaturas são as Literaturas de uma história diferente. [...] A situação dessas literaturas [...] deve considerar-se exemplar, e permite precisar a relação das Literaturas com a globalização.

Nos estudos de nossos *corpora* de análise literária, a mencionada equipe de pesquisadores volta-se aos romances históricos, aos dramas históricos e à lírica histórica como gêneros híbridos de história e ficção, além da tradução de obras significativas da expressão hispano-americana que ainda não possuem uma versão em língua portuguesa⁸, considerando-as como vias para a importante descolonização que, com certeza, faz-se necessária em vários setores de nossas sociedades.

O gênero romanesco híbrido de história e ficção tem – assim como hoje o conhecemos – sua primeira manifestação escritural em 1814, com a obra *Waverley*, do escocês Walter Scott, produzida no romantismo europeu. Tal produção encontrou sua forma e seus paradigmas mais estáveis – que perduram por mais de um século – na obra *Ivanhoé* (1819), do mesmo Walter Scott. Essa produção primeira, como estabelecemos na trajetória do gênero na obra *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – leituras da história pela ficção* (FLECK, 2017), conhece as suas primeiras transformações nos paradigmas scottianos ainda no romantismo. Essas transformações na modalidade clássica primeira dão origem a uma segunda modalidade de expressão no gênero: o romance histórico tradicional. Ambas – a clássica e a tradicional – são modalidades de escrita híbrida de história e ficção que compõem o que chamamos de primeira fase de sua trajetória: a fase acrítica. Isso se deve ao fato de que tais escritas buscam corroborar o discurso histórico hegemônico e tradicional sob o qual o passado da América Latina foi, discursivamente, perpetrado ao longo de muitos séculos.

Essa intenção de ensinar a versão histórica tradicional também pelo romance histórico somente será alterada em meados do século XX no espaço já pós-colonialista da América Latina, no qual, claro, persistem inúmeras práticas colonizadoras. Segundo apontam Aínsa (1991) e Menton (1993), entre

⁸ Entre essas obras, destacamos a tradução, já publicada, do primeiro romance histórico latino-americano, *Xicoténcatl* (1826) – Anônimo –, feita por nós e publicada pela Editora CRV-Curitiba em 2020 e a tradução, em andamento, também no âmbito do grupo, do primeiro romance latino-americano *El Periquillo sarniento* (1816), de Fernández de Lizardi.

outros, a obra *El reino de este mundo* (1949), do cubano Alejo Carpentier, pode ser considerada como marco de instauração⁹ de uma nova modalidade de escritas híbridas de história e ficção: o novo romance histórico latino-americano. De acordo com Aínsa (1991, p. 84),

[...] la escritura paródica nos da, tal vez, la clave en que se puede sintetizarse la nueva narrativa histórica. La historiografía, al ceder a la mirada demoledora de la parodia ficcional, a la distancia crítica del descreimiento novelesco que transparente el humor, cuando no el grotesco, permite recuperar la olvidada condición humana. Gracias a la ironía, la 'irrealidad' de los hombres convertidos en símbolos en los manuales de historia recobran su 'realidad' auténtica. La deconstrucción paródica rehumaniza personajes históricos transformados en 'hombres de mármol'¹⁰. (AÍNSA, 1991, p. 85).

Ao longo do estudo da trajetória do gênero romance histórico, apontamos esse período e essa produção paródica – com certas restrições quanto à época de sua implementação – como o marco que dá início à segunda fase dessas produções: a crítica/desconstrucionista – firmemente implantada na Literatura latino-americana durante o período do *Boom*. Essa segunda fase é seguida, ainda, por uma terceira – a mais atual – que segue as premissas do *Pós-boom*: a crítica/mediadora. Esta estabelece uma relação de

⁹ As pesquisas desenvolvidas em nosso Grupo têm nos revelado que esse marco de transformações (*El reino de este mundo* (1949), de Alejo Carpentier) da fase acrítica primeira para a segunda fase – crítica/desconstrucionista, implementado no solo latino-americano – destacado pelo crítico estadunidense não é, de fato, o ideal, pois temos estudado obras críticas/desconstrucionistas – nas quais se manifestam as mesmas características da obra de Carpentier de 1949 – publicadas já na década de 1930, com destaque para a obra: *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ochoa; As pesquisas de MENDEZ, H. E. D. *Nuestro Bolívar: da heroificação à humanização da sua figura na ficção*. 2021. 96 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. UNILA, Foz do Iguaçu; e de Klock (2021) – KLOCK, A. M. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. 304 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Cascavel – são referências para esse tema.

¹⁰ Nossa tradução: [...] a escrita paródica dá-nos, talvez, a chave em que se pode sintetizar a nova narrativa histórica. A historiografia, ao ceder lugar ao olhar demolidor da paródia ficcional, à distância crítica do descrédito romanescos que deixa transparecer o humor, quando não o grotesco, permite recuperar a esquecida condição humana. Graças à ironia, à 'irrealidade' dos homens convertidos em símbolos nos manuais de história recobram sua 'realidade' autêntica. A desconstrução paródica reumaniza personagens históricos transformados em 'homens de mármore.'

mediação entre os preceitos dos romances históricos tradicionais da primeira fase e as características da segunda fase crítica/desconstrucionista dessas escritas híbridas.

Neste texto, não nos fixamos em um romance específico, mas, sim, em alguns aspectos predominantes da segunda fase – crítica/desconstrucionista – e da terceira fase – crítica-mediadora – exemplificadas por meio de menções às obras representativas de cada uma delas no contexto brasileiro e hispano-americano. Assim, construímos uma espécie de painel ilustrativo para outros pesquisadores que gostariam de ler e verificar as diferenças escriturais e discursivas que nos apoiaram a estabelecer essas diferentes fases das escritas híbridas críticas latino-americanas.

A segunda fase da trajetória do romance histórico está composta por duas modalidades de escrita híbrida de história e ficção: o novo romance histórico latino-americano e a metaficção historiográfica. Já a mais atual das modalidades comporta um único grupo expressivo de obras até o presente momento: o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2007; 2017), cujos princípios são eminentes nas produções de vários romancistas após a década de 1980, conforme veremos na sequência.

As ressignificações das fases críticas do romance histórico: obras e autores representativos na América Latina

A produção do romance histórico, já ao nascer no espaço latino-americano – com a obra anônima mexicana *Xicoténcatl* (1826) –, demonstra a consciência do poder de ressignificação do passado que esse gênero carrega em sua essência quando usado em prol da descolonização, como, de fato, foi o caso do primeiro romance histórico escrito em nossas terras ainda no período de subjugação do México à coroa espanhola, em 1826.

Embora essa primeira manifestação crítica do romance histórico em terras latino-americanas não tenha encontrado, à época de sua publicação – no contexto das lutas pela independência do México –, um espaço apropriado para se constituir em uma modalidade amplamente cultivada, ela lançou raízes para que, antes da metade do século XX, eclodissem, nesse espaço histórico-

cultural, as primeiras escritas que conduziram, de fato, à constituição de uma representativa modalidade crítica/desconstrucionista.

O final da década de 1940 é apontado por alguns críticos, como Menton (1993), Márquez Rodríguez (1995), Esteves (2010), entre outros, como o momento em que essa primeira modalidade crítica começa a dar sinais de sua vitalidade. Contudo, pelas pesquisas realizadas em nosso grupo, já podemos apontar que esse marco é anterior, pois, na década de 1930, já aparecem romances bastante críticos, como é o caso de *Mi Simón Bolívar* (1930), do colombiano Fernando González Ochoa, que pode ser até mesmo considerada uma obra desconstrucionista em relação à modalidade tradicional e ao discurso histórico hegemônico.

Esse período de transição entre a modalidade tradicional e as escritas críticas é muito bem exposto nos estudos de Ana Maria Klock (2021), por meio do quadro que expomos a seguir.

Quadro 1 – Nova narrativa latino-americana – expressões do romance histórico crítico latino-americano: fase de implementação e maturidade

NOVA NARRATIVA LATINO-AMERICANA EXPRESSÕES DO ROMANCE HISTÓRICO CRÍTICO LATINO-AMERICANO	
Fase de implementação (Décadas de 1940-1965)	Fase da maturidade: <i>Boom</i> (Final da década de 1970 a 1990)
<i>Mi Simón Bolívar</i> (1930), Fernando González (alter ego Lucas Ochoa)	<i>Bajo las banderas del Libertador (Simón hijo de América)</i> (1970), Jorge Inostrá
<i>Las lanzas coloradas</i> (1931), Arturo Uslar Pietri	<i>Yo el Supremo</i> (1974), Augusto Roa Bastos
<i>Terra do sem fim</i> (1943), Jorge Amado (Obra de transição entre o tradicionalismo e a renovação)	<i>Galvez, O imperador do Acre</i> (1976), Márcio Souza (obra que inaugura a segunda fase do gênero romance histórico no Brasil)
<i>Setenta días con Su Excelencia (Novelización del diario de Bucaramanga)</i> (1944), Jose Nucete-Sardi	<i>A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi</i> (1979), João Felício Santos
<i>El camino de El Dorado</i> (1947), Arturo Uslar Pietri	<i>Daimón</i> (1978), Abel Posse
<i>El reino de este mundo</i> (1949), Alejo Carpentier	<i>El último rostro</i> (1978), Álvaro Mutis
<i>Amaneció en la cumbre</i> (1951), Enrique Escribens Correa	<i>Concierto Barroco</i> (1974); <i>El arpa y la sombra</i> (1979), Alejo Carpentier
<i>Las cuatro estaciones de Manuela</i> (1953), Victor Wolfgang Von Hagen	<i>El mar de las lentejas</i> (1979), Antonio Benítez Rojo
<i>Se llamaba Bolívar</i> (1954), Enrique Campos Menéndez (Chile)	<i>Mad Maria</i> (1980); <i>O brasileiro voador</i> (1986), Márcio Souza

<i>Bolívar, héroe y amante</i> (1958), Emmeline Lemaire	<i>Em liberdade</i> (1981), Silvano Santiago
<i>Major Calabar</i> (1960); <i>Cristo de lama</i> (1964), João Felício Santos	<i>La guerra del fin del mundo</i> (1981), Mario Vargas Llosa
<i>El siglo de las luces</i> (1962), Alejo Carpentier	<i>Los perros del paraíso</i> (1983), Abel Posse
<i>Os cabras do coronel</i> (1964), Wilson Lins	<i>La tragedia del Generalísimo</i> (1983); <i>La esposa del Dr. Thorne</i> (1988), Denzil Romero
<i>Bocainas do vento sul</i> (1964), Ibiapaba Martins	<i>El intrépido Simón. Aventuras del Libertador</i> (1983), Carlos Bastidas Padilla
<i>Café e polenta</i> (1964), Luis Marcondes Rocha	<i>Yo, Bolívar rey</i> (1986), Honorio Rafael Caupolicán Ovalles
<i>Geração do deserto</i> (1964), Guido Wilmar Sassi	<i>Bolívar y la revolución</i> (1984); <i>Bolívar, de San Jacinto a Santa María: juventud y muerte del libertador</i> [biografía] (1988), Germán Arciniegas
<i>Karina</i> (1964), Virgínia G. Tamanini	<i>Viva o povo brasileiro</i> (1984), João Ubaldo Ribeiro
<i>O drama de uma época</i> (1965), Pedro Leopoldo	<i>Una lanza por Aguirre</i> (1984), Jorge Ernesto Funes (metaficção historiográfica)
<i>Os invasores</i> (1965), Dinah Silveira de Queiroz	<i>Yo, Bolívar rey</i> (1986), Caupolicán Ovalles
<i>La caballera del sol, Episodios americanos</i> (1964), Demetrio Aguilera Malta	<i>Cristóbal Nonato</i> (1987), Carlos Fuentes
	<i>La ceniza del Libertador</i> (1987), Fernando Cruz Kronfly
	<i>El regreso del guerrero</i> (1988), Guillermo Rodríguez Blanco
	<i>Muy cerca de Bolívar</i> (1988), Fabio Puyo Vasco (biografía)
	<i>El general en su Laberinto</i> (1989), Gabriel García Márquez
	<i>Sete léguas de paraíso</i> (1989), Antônio José de Moura (metaficção historiográfica)
	<i>Maluco</i> (1989), Napoléon Baccino Ponce de León
	<i>A casca da serpente</i> (1989), José J. Veiga

Fonte: Elaborado por Ana Maria Klock (2021, p. 90-91) em sua tese de doutoramento.

Embora esse quadro não represente a totalidade de obras e autores do período mencionado, como a própria autora expressa, ele nos dá a possibilidade de visualizar toda uma trajetória das escritas híbridas de história e ficção entre as décadas de 1930 até o final da década de 1980, quando já se haviam afirmado as prerrogativas do Pós-*boom*.

Como podemos ver, há vários romances históricos de teor crítico no espaço geo-histórico e cultural da América Latina que precederam à publicação de *El reino de este mundo* (1949), de Alejo Carpentier. Essas obras estão passando por estudos aprofundados no âmbito do nosso grupo de pesquisa, mas já podemos afirmar que a crítica terá que rever esse marco da implantação da modalidade do novo romance histórico latino-americano, pois essas obras precedentes à publicação de *El reino de este mundo* (1949) apresentam um teor crítico desconstrucionista que nos permite deslocar essa data para mais de uma década anterior.

Das décadas de 1930 a 1940 – época da implementação das prerrogativas da nova narrativa latino-americana – até as décadas de 1960 a 1970 – considerado o período do auge do *Boom* da literatura latino-americana – passamos por escritas que chegam ao máximo do experimentalismo linguístico e formal que a nova narrativa latino-americano chegou a desenvolver.

Nesse contexto, os destaques das produções híbridas de história e ficção são as obras *Mi Simón Bolívar* (1930), de Fernando González; *El reino de este mundo* (1949) e *El siglo de las luces* (1962), de Alejo Carpentier; *Geração do deserto* (1964), de Guido Wilmar Sassi; *Yo el Supremo* (1974), de Augusto Roa Bastos e *A guerrilheira: o romance da vida de Anita Garibaldi* (1979), de João Felício dos Santos. Todas as características críticas desconstrucionistas, mencionadas nos estudos de Aínsa (1991) e de Menton (1993), encontram-se contempladas nessas obras. Contudo, como todos os leitores assíduos de romances históricos sabem, essas são obras extremamente complexas, tanto em sua estrutura quanto na linguagem experimentalista que empregam em sua tessitura.

Nessa trajetória de renovação da própria narrativa latino-americana, o romance histórico seguiu os passos estabelecidos pelo gênero narrativo como um todo. Isso levou as escritas híbridas de história e ficção a se adequarem, também, às prerrogativas do Pós-*boom*, as quais consideram que “[...] *la*

*novela de los años sesenta es excesivamente literaria.*¹¹” (DONOSO, 1987, p. 124). O abandono do experimentalismo formal e linguístico, instituído pelos narradores do Pós-*boom*, já no início da década de 1980, é o fator central que nem Aínsa (1991), nem Menton (1993) consideraram ao estabelecer as prerrogativas do novo romance histórico e que, da mesma forma, integram a metaficção historiográfica – discutida teoricamente por Linda Hutcheon (1991).

Desse modo, em nossos estudos da trajetória do romance histórico, conseguimos delimitar que essa passagem das premissas do experimentalismo linguístico e formal – típicas do *Boom* das décadas de 1960 e 1970 – para as prerrogativas muito mais convencionais das narrativas do Pós-*boom* instaura a passagem da segunda fase – a crítica/desconstrucionista – à terceira: a crítica/medidora nas escritas híbridas de história e ficção.

Nessa terceira fase, podemos amalgamar as obras não experimentalistas, mas críticas em suas ressignificações do passado, numa nova modalidade: o romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017). Isso é possível porque, segundo temos constatado ao longo de mais de uma década de pesquisas com obras desse contexto, nele ocorre uma junção de características típicas da primeira fase acrítica - como a linearidade narrativa, a busca da verossimilhança, o emprego de uma linguagem amena e fluída, um foco narrativo centralizado – com outras da fase desconstrucionista – como o emprego da paródia, da ironia, das intertextualidades, da dialogia, da polifonia, da heteroglossia e uma busca por visões antes silenciadas pela historiografia tradicional.

Para termos uma ideia da nova configuração das produções híbridas de história e ficção no contexto do Pós-*boom* da Literatura Latino-americana, vamos recorrer, novamente, aos estudos de Klock (2021) e trazer a este texto mais um de seus quadros ilustrativos sobre as produções híbridas a partir da década de 1990.

Quadro 2 – Nova narrativa latino-americana – algumas expressões do romance histórico mais recentes na América hispânica e no Brasil

¹¹ Nossa tradução: [...] o romance dos anos sessenta é excessivamente literário.

NOVA NARRATIVA LATINO-AMERICANA EXPRESSÕES CRÍTICAS DO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO	
Da década de 1990 aos nossos dias: na América Hispânica	Da década de 1990 aos nossos dias: no Brasil
<i>Vigilia del Almirante</i> (1992), Augusto Roa Bastos (Paraguai)	<i>Videiras de cristal</i> (1990); <i>Perversas Famílias</i> (1992); <i>Pedra da memória</i> (1993); <i>Os senhores dos séculos</i> (1994); <i>Concerto Campestre</i> (1997); <i>Breviário das terras do Brasil</i> (1997), <i>Figura na sombra</i> (2012), Luís Antônio de Assis Brasil
<i>Conviene a los felices permanecer en casa</i> (1992), Andrés Hoyos (Colômbia)	<i>O retrato do rei</i> (1991); <i>A última quimera</i> (1995); <i>Desmundo</i> (1996); <i>Amrik</i> (1997), Ana Miranda
<i>El insondable</i> (1997), Alvaro Pineda Botero (Colômbia)	<i>Em busca da terra firme</i> (1992), Almiro Caldeira
<i>Santa Evita</i> (1995), Tomás Eloy Martínez (Argentina)	<i>Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg</i> (1992), Ivanir Calado
<i>Colón a los ojos de Beatriz</i> (2000), Pedro Piqueras (Espanha)	<i>O memorial de Maria Moura</i> (1993), Rachel de Queiroz
<i>La agonía erótica. De Bolívar, el amor y al muerte</i> (2005), Víctor Paz Otero (Colômbia)	<i>Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso conselheiro Gomes, O chalaça</i> (1994); <i>Terra Papagalli</i> (2000), José Roberto Torero
<i>Bolívar. El destino en la sombra</i> (2006), Víctor Paz Otero (Colômbia)	<i>Netto perde a sua alma</i> (1995), Tabajara Ruas
<i>Inés del alma mía</i> (2006), Isabel Allende	<i>Atrás do paraíso</i> (1995), Ivan Jaf
<i>Bolívar. Delirio y epopeya</i> (2008), Víctor Paz Otero (Colômbia)	<i>Jan e Nassau</i> (1996), Esther Largman
<i>Los sueños de un Libertador</i> (2009), Fermín Goñi (Espanha)	<i>Questão de honra</i> (1996), Domingos Pellegrini
<i>En busca de Bolívar</i> (2010), William Ospina (Colômbia)	<i>Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz: a incrível trajetória de uma princesa negra entre a prostituição e a santidade</i> (1997), Heloísa Maranhão
<i>La carroza de Bolívar</i> (2012), Evelio Rosero (Colômbia)	<i>Santa Sofia</i> (1997), Ângela Abreu
<i>El piano de Chopin</i> (2015), Zelmar Acevedo Diaz	<i>Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano</i> (1997), Ayrton Marcondes
<i>Ahí le dejo la gloria</i> (2013), Mauricio Vargas (Colômbia)	<i>Resumo de Ana</i> (1998), Modesto Carone
<i>La noche que mataron a Bolívar</i> (2018), Mauricio Vargas (Colômbia)	<i>Nascida no Brasil</i> (1998), Judith Grossman
<i>La visita de Bolívar</i> (2018), de Herbert Morote (Peru) ¹²	<i>O trono da rainha Jinga</i> (1998), Alberto Mussa

¹² Conforme esclarecem Klock e Dorado Mendez (2019, p. 195), *La visita de Bolívar* (2018) “[...] é a adaptação ao gênero romanesco de uma peça teatral com o mesmo título. O romance histórico e a peça, lançados quase simultaneamente, não diferem como texto; os diálogos e as ações da peça são mantidos no romance, sempre que possível.”

<i>El Conquistador</i> (2006), Federico Andahazi	<i>Meu querido canibal</i> (2000), de Antônio Torres
	<i>A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas</i> (2002), Maria José Silveira
	<i>Luzes de Paris e o fogo de Canudos</i> (2006), Angela Gutiérrez
	<i>O pêndulo de Euclides</i> (2009), Aleilton Fonseca

Fonte: Elaborado por Klock (2021, p. 92-93) para sua tese doutoral.

É comum, ainda hoje, encontrarmos todas essas produções sendo analisadas e classificadas por muitos estudiosos da área entre as modalidades críticas/desconstrucionistas – o novo romance histórico e a metaficção historiográfica – havendo, inclusive, casos em que diferentes estudiosos classificam a mesma obra ora em uma delas e ora em outra¹³, porque há, ainda, dificuldade em se diferenciar teoricamente um novo romance histórico metaficcional (que emprega recursos metaficcionais esparsamente pela obra, de igual modo como outros recursos como a paródia, a carnavalização, a polifonia, etc.) de uma metaficção historiográfica (produção que tem a metaficção, ou autorreferencialidade, como eixo estruturador principal do relato).

A mesma confusão gera-se ao se analisar um novo romance histórico latino-americano (AÍNSA, 1991; MENTON, 1993), altamente crítico/desconstrucionista, e uma produção mais recente, linear e ancorada na verossimilhança, da modalidade do romance histórico contemporâneo de mediação (FLECK, 2017). Isso ocorre pelo fato de que ambas são ressignificações críticas do passado, contudo, são amplamente diversas em recursos escriturais e na estruturação do relato, compondo, assim, modalidades distintas de escritas híbridas de história e ficção.

¹³ Na dissertação *Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg* (1992): *um romance histórico contemporâneo de mediação*, defendida em 2019 no Programa de Pós-graduação em Letras da Unioeste/Cascavel-PR/Brasil, Gislaine Gomes apresenta um estudo sobre o romance brasileiro de Ivanir Calado, antes já classificado por outros estudiosos como novo romance histórico e também como metaficção historiográfica, quando, de fato, a pesquisadora mostra que as características predominantes da obra são as do romance histórico contemporâneo de mediação.

No eixo de estudo do romance histórico, em nossa equipe de pesquisadores, temos realizado uma série de análises – que constituem dissertações e teses – buscando esclarecer os princípios que nos possibilitam, com clareza, separar a trajetória do romance histórico em dois grupos de escritas – acrílicas e críticas –; em três fases – acrílica; crítica/desconstrucionista; crítica/mediadora – e 5 modalidades distintas dentro das fases: 1- Clássica scottina; 2- Tradicional (primeira fase); 3- Novo romance histórico latino-americano; 4- Metaficção historiográfica (segunda fase); 5- Romance histórico contemporâneo de mediação (terceira fase). As bases para isso encontram-se publicadas em nossa obra de 2017.

Entre as pesquisas que se voltam às especificidades da mais nova modalidade, o romance histórico contemporâneo de mediação, Klock (2021) elaborou, em sua tese, um quadro expressivo de estudos já concluídos pela equipe Resignificações, conforme podemos conferir na sequência:

Quadro 3 – Pesquisas acadêmicas dedicadas ao estudo de romances históricos contemporâneos de mediação

Autor/Ano/Instituição	Natureza/Título
	Corpus de análise
Bernardo Antonio Gasparotto 2011/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Diálogos entre o Velho e o Novo Mundo: o descobrimento da América na ficção</i>
	<i>Vigília del Almirante</i> (1992), Augusto Roa Bastos <i>Carta de fin del mundo</i> (1998), Jose Manuel Fajardo
Adenilson B. Albuquerque 2013/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Narrativas canudenses: conflitos além da guerra</i>
	<i>Os jagunços</i> (1898), Afonso Arinos <i>João Abade</i> (1958), João Felício dos Santos <i>A casa da serpente</i> (1989), José J. Veiga <i>Canudos – as memórias de frei João Evangelista de Monte Marciano</i> (1997), Ayrton Marcondes <i>Verdicto em Canudos</i> (2002), Sándor Márai <i>Luzes de Paris e o fogo de Canudos</i> (2006), Angela Gutiérrez <i>La guerra del fin del mundo</i> (1981), Mario Vargas Llosa <i>O pêndulo de Euclides</i> (2009), Aleilton Fonseca
Bruna Otani Ribeiro 2014/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Cativas, degregadas e aventureiras: mulheres na colonização latino-americana</i>
	<i>Lucía Miranda</i> (1860), Eduarda Mansilla (reeditado por María Rosa Lojo) <i>Desmundo</i> (1996), Ana Miranda <i>Inés del alma mía</i> (2006), Isabel Allende
Gislaine Gomes	Dissertação: <i>Imperatriz no fim do mundo: memórias</i>

2016/UNIOESTE-Cascavel	<i>dúbias de Amélia Leuchtemberg (1999) – um romance histórico de mediação</i> Imperatriz no fim do mundo: memórias dúbias de Amélia de Leuchtemberg (1992) , Ivanir Calado
Tatiana Tonet 2016/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Revolução Haitiana: da história às perspectivas ficcionais - El reino de este mundo (1949), de Carpentier, e La isla bajo el mar (2009), de Allende</i> <i>El reino de este mundo (1949), Alejo Carpentier</i> La isla bajo el mar (2009) , Isabel Allende
Beatrice Uber 2016/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo Mundo” – perspectivas literárias</i> Desmundo (1996) , Ana Miranda <i>Bride of New France (2013)</i> , Suzanne Desrochers
Marina Luiza Rohde 2016/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Anita Garibaldi: de heroína a mulher – a trajetória das imagens ficcionais de Ana Maria de Jesus Ribeiro</i> <i>I Am My Beloved: The Life of Anita Garibaldi (1969)</i> , Lisa Sergio <i>A Guerrilheira (1979)</i> , João Felício dos Santos Anita cubierta de arena (2003) , Alicia Dujovne Ortiz
Adriana Aparecida Biancato 2017/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>A escrita híbrida de história e ficção de María Rosa Lojo: Amores insólitos de nuestra historia (2001) – a revisitação literária de encontros históricos inusitados</i> Contos extraídos da obra Amores Insólitos de nuestra historia (2001) , María Rosa Lojo: “La historia que Ruy Díaz no escribió”; “El Maestro y la Reina de las Amazonas”; “Amar a un hombre feo”; “Otra historia del Guerrero y de la Cautiva”
Patricia de Oliveira 2019/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Entre mulheres, a história: olhares literários sobre a colonização da América</i> A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas (2002) , Maria José Silveira.
Amanda Maria E. Matheus 2021/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Figurações de uma heroína invisível: Beatriz Enríquez de Harana na literatura</i> <i>Columbus and Beatriz (1892)</i> , Constance Goddard DuBois. Colón a los ojos de Beatriz (2000) , Pedro Piqueras
Jucélia H. de Oliveira Pires 2021/UNIOESTE-Cascavel	Dissertação: <i>Ressignificações do passado na trilogia de Abel Posse (1978; 1983; 1992) – da crítica desconstrucionista do novo romance histórico ao romance histórico contemporâneo de mediação (UNIOESTE)</i> <i>Daimón (1978)</i> , Abel Posse <i>Perros del paraíso (1983)</i> , Abel Posse El largo atardecer del caminante (1992) , Abel Posse

As obras destacadas em **negrito** são consideradas romances históricos contemporâneos de mediação no *corpus* de análise desses estudos listados no quadro 3.

Fonte: Elaborado por Klock (2021, p. 168-169) para sua tese doutoral.

O alcance desses estudos acadêmicos já nos dá condições de afirmar uma trajetória coerente do gênero romance histórico, assentada na proposta de dividir, didática e metodologicamente, essa ampla produção – que se iniciou em 1814 e alcança nossos dias – em 2 grupos, 3 fases e 5 modalidades, conforme defendemos em nossa obra de 2017. Cremos, também, que, com o sintético painel de produções de romances históricos aqui discutido, pesquisadores de outras instituições podem aprimorar a estruturação dos estudos sobre essas escritas híbridas e buscar essas novas fontes que elucidam a trajetória do gênero, especialmente em nosso território latino-americano.

Algumas considerações finais:

Nossos estudos na área das escritas híbridas de história e ficção – como vias de descolonização para a América Latina – têm-se mostrado um campo extremamente profícuo e promissor. Neste texto, evidenciamos apenas algumas das mais correntes produções das modalidades de romances históricos críticos, contudo, o grupo de pesquisa tem, da mesma forma, desenvolvido estudos com textos híbridos de história e ficção nos gêneros lírico e dramático que, diferente do romance, não têm recebido uma atenção especial da crítica literária em nosso continente e nem fora dele na atualidade.

É evidente que a teoria mais amplamente conhecida sobre o romance histórico – em sua maioria produzida nas décadas de 1980 e 1990 – não contempla mais a variedade expressiva do gênero em nossa realidade, na qual convivem produções das três fases da trajetória e nas quatro últimas modalidades expressivas do gênero. Fazem-se necessários, assim, novos estudos e direcionamentos teóricos para que a dimensão crítica que essas produções literárias alcançaram ao longo de algumas décadas no espaço latino-americano possa ser devidamente apreendida e suas potencialidades como meio de descolonização às mentes latino-americanas possam ganhar sua mais profunda significação.

Destacamos aqui que a passagem da segunda fase da trajetória do romance histórico – crítica/desconstrucionista – para a terceira fase –

crítica/mediadora –, além de ter levado as escritas híbridas de história e ficção altamente experimentalistas da fase do *Boom* da Literatura Latino-americana a se adaptarem às prerrogativas do *Pós-boom*, também proporcionou a expansão significativa de leitores interessados pelo gênero híbrido.

A modalidade mais atual do romance histórico contemporâneo de mediação, por não se constituir em escritas experimentalistas, é adequada, também, a leitores ainda em processo de formação, diferente das obras da fase desconstrucionista que exigem um leitor altamente especializado para efetuar, em profundidade, a sua leitura. Esse passo dado pela produção literária latino-americana do *Pós-boom* em direção a um leitor menos especializado em teorias linguísticas e literárias é altamente significativo no espaço anteriormente colonizado, pois sempre tivemos em nossas sociedades problemas com a formação leitora de grande parte da população.

Nossa intenção é tornar essas obras conhecidas por um público mais amplo, especialmente por professores da rede pública de Ensino Fundamental e Médio, para que esses, ao estarem instrumentalizados para efetuar essas leituras, possam, gradativamente, introduzi-las no espaço escolar, onde se vai formando a consciência crítica por meio das possíveis ressignificações que essas obras produzem frente ao discurso tradicional da história, cujo ensino imperou durante séculos em nossos países.

Desse modo, lenta, mas progressivamente, vamos construindo as vias de descolonização ainda necessárias a muitas de nossas nações latino-americanas.

Referências

AÍNSA, F. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, México, v. 240, p. 82-85, 1991.

BERND, Z. (Org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.

BESSIÈRE, J. Literatura Comparada e identificação de las diferencias literárias y culturales. In: CROLLA, A. *Lindes actuales de la literatura comparada*. Santa Fe: Ed. Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 17-28.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1965.

COUTINHO, E. F. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2., 1995, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ABRALIC, 1995. V. II, p. 621-633.

DONOSO, J. *Historia personal del boom*. Santiago de Chile: Andres Bello, 1987.

ESTEVES, A. R. *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FLECK, G. F. *O romance contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução de R. Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*. México D. F: Fondo de Cultura Económica, 1993.

PALERMO, Z. ¿Por qué vincular la Literatura Comparada con la Interculturalidad?. In: CROLLA, A. (Org.). *Lindes actuales de la literatura comparada*. Santa Fe: Universidad Nacional del Litoral, 2011. p. 126- 136.

KLOCK, A. M. *O romance histórico no contexto da nova narrativa latino-americana (1940): dos experimentalismos do boom à mediação do pós-boom – histórias da outra margem*. 2021. Tese (Doutorado em Letras – em fase de finalização) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. UNIOESTE, Cascavel.

PINHEIRO A, S.; NETO, P. B. (Orgs). *Estudos Culturais e contemporaneidade – Literatura, história e memória*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

USLAR PIETRI, A. *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Ávila, 1990.